

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO e CULTURA

REQUERIMENTO N.º DE 2006 (Do Senhor Paulo Rubem Santiago)

Requer a realização de audiência pública a fim de se discutira o papel da TV Digital na promoção da Educação e da Cultura .

Excelentíssimo Senhor Presidente

Nos termos regimentais, requeremos a Vossa Excelência, ouvido o Plenário desta Comissão, a realização de audiência publica a fim de se discutir o papel da TV Digital na promoção da Educação e da Cultura .

JUSTIFICAÇÃO

É certo que, no século passado, a novidade tecnológica chamada televisão tenha levado 20 anos para chegar ao Brasil, enquanto a "nova tevê" (digital) registre cerca de nove anos para fazer tal percurso. É igualmente certo que não há grande coisa a objetar ao advento de novidades: videocassete, cd-player, ipod, dvd, videogame, celular, câmara digital – tudo isto, em graus diferentes de velocidade de chegada, é parte inevitável do avanço tecnológico. A forma da consciência coletiva contemporânea é atravessada pela tecnologia, e não se pode ficar na contracorrente da História.

Mas também não se pode deixar de levantar questões sobre como alguns dos setores das "elites logotécnicas" (jornalistas, editores, comentaristas, etc.) posicionam-se culturalmente frente às novidades. Vamos tomar como exemplo uma matéria de revista semanal (*Época*, número 403, 6/2/2006). Para fazer entender o que mudará com o novo padrão brasileiro de tevê, os jornalistas pedem ao leitor para imaginar algumas cenas:

1) um agricultor assiste à novela sem os chuviscos habituais, "com imagem igual à da tv-Globo";

2) preso no trânsito da grande cidade, um estudante liga o celular e vê ao vivo a sua desejada partida de futebol;

3) alunos de uma escola pública assistem a um programa educativo e tiram dúvidas na hora, "como se estivessem num chat de internet";

4) uma dona de casa interrompe uma exibição para clicar no anúncio, "decide comprar, mas antes entra no canal do banco e confere o saldo da conta corrente".

Para a revista, as quatro cenas revelam o valor da decisão política quanto ao novo padrão. O resto da matéria é detalhamento técnico da imagem, do som, da interatividade, dos serviços e do dinheiro que a TV digital movimentará nas décadas que virão.

Do ponto de vista estritamente informativo, a matéria está correta. E assim tem sido com textos sobre o mesmo assunto que vêm proliferando na imprensa. Discute-se a premência do prazo para a decisão presidencial quanto à importação do padrão de transmissão digital (japonês, americano ou europeu), os muito entusiastas rejubilam-se com a entrada do país nessa nova etapa do progresso tecnológico e, mesmo quando partem de setores do governo federal indicações de que os aspectos técnicos não devem ser os únicos a orientar a decisão política, a imprensa interpreta as exigências de qualidade, competitividade e inclusão social como requisitos técnicos ou mercadológicos.

A questão a se levantar diz respeito à dimensão cultural do novo dispositivo de mídia. Este ângulo, com o qual ninguém parece preocupar-se, é o grande ausente da coleção de aspectos problemáticos suscitados. Ninguém se pergunta realmente sobre o alcance cultural da inovação, exceto talvez pelas possibilidades de regionalização dos programas e da democratização do acesso.

Mas acesso a quê?

Digamos que a resposta seja "acesso ao arquivo mundial do conhecimento" ou então algo como "maior mobilização da energia civilizatória", e assim por diante. Do primeiro caso já se vem ocupando a internet; do segundo, é preciso sempre lembrar que todo o som e a fúria desencadeados pela televisão para exprimir os conteúdos da cultura ocidental têm resultado apenas num diagnóstico sobre a brutal banalização como seu principal efeito. Aliás, o pensador inglês Alfred Whitehead já advertia no início do século passado que "energia sem reflexão é brutalidade". Certo, ele também ponderava que "reflexividade sem energia é decadência".

A reflexão – que gera ciência, tecnologia autóctone, mão-de-obra qualificada e consciência crítica – provém da cultura que pactua com a educação. A revolução da internet e a globalização só se entrelaçam produtivamente no campo da corrida pelo conhecimento, capaz de formar massas instruídas e em aperfeiçoamento contínuo. É o campo em que a China e o bloco asiático vêm investindo maciçamente. Sem claras estratégias culturais e educacionais, os dispositivos digitais podem ter o brilho atraente das novidades, mas serão um pouco como os adornos com que o tanatologista embeleza um cadáver.

Esta audiência tem por fim obter maiores informações a respeito da celebração pública da novidade digital, sua interatividade e o conseqüente desenvolvimento de novas aplicações que ofereçam entretenimento à população, promovam a educação, a cultura e o pleno exercício da cidadania.

Sala dos Comissões, de de 2006

Deputado Paulo Rubem Santiago
PT /PE